
Análise dos resultados

A Pesquisa Anual da Indústria da Construção – PAIC levanta informações estatísticas sobre o segmento empresarial da indústria da construção em todo o Território Nacional. A presente análise mostra as potencialidades dessa base de dados, e está estruturada em três seções: na primeira comentam-se os resultados gerais da pesquisa em 2006; a segunda seção analisa, a partir de indicadores selecionados, a importância da grande empresa e sua participação na estrutura empresarial do setor nos anos 1996, 2000 e 2006; e por fim, a terceira seção aborda a oferta das empresas do setor, segundo grupo de produtos e porte de empresas.

Resultados gerais em 2006

Em 2006, as 109 mil empresas do setor ocuparam mais de 1,5 milhão de pessoas e pagaram em salários, retiradas e outras remunerações o equivalente a R\$ 17,4 bilhões de reais, o que significou uma média mensal de 2,5 salários mínimos⁵.

As empresas de construção realizaram obras e serviços no valor de R\$ 110,7 bilhões, deste montante R\$ 47,1 bilhões foram construções para entidades públicas, e obtiveram receita operacional de R\$ 105,6 bilhões. Na comparação com 2005, as construções executadas cresceram 13,0%, assinalando um aumento real de 7,1%⁶. O valor adicionado mostra crescimento nominal de 12,5%, o que em termos reais representou aumento de 6,7%. Em 2006, do total de obras executadas, 42,6% foram realizadas para o setor público, percentual acima do observado em 2005 (40,3%).

⁵ Cálculo com base no salário mínimo médio de 2006, no valor de R\$ 338,46.

⁶ O deflacionamento foi efetuado pelo índice do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil - SINAPI, calculado pelo IBGE, que teve variação de 5,47%.

Tabela 1 - Dados gerais da indústria da construção - Brasil - 2005-2006

Ano	Dados gerais da indústria da construção						
	Número de empresas	Pessoal ocupado	Salários, retiradas e outras remunerações	Valor das construções executadas	Construções para entidades públicas	Receita operacional líquida	Valor adicionado
	1 000		1 000 000 R\$				
2005	107	1 584	15 417	97 966	39 515	96 673	54 346
2006	109	1 556	17 405	110 684	47 143	105 598	61 157

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção 2005-2006.

O desempenho das empresas de construção, em 2006, está em linha com os resultados da economia brasileira, cujo PIB avançou 3,8%⁷, com a atividade de construção se expandindo 4,6% e a Formação Bruta de Capital Fixo - FBCF apresentando elevação de 10,0%. A atividade empresarial de construção foi bastante beneficiada por um conjunto de fatores mais diretamente ligados à dinâmica do setor, tais como: aumento do crédito, crescimento da renda familiar, maior oferta de crédito imobiliário⁸ e redução do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI de diversos insumos para a construção.

Além do crescente volume de crédito para o setor da construção em 2006, o ambiente econômico, caracterizado pela continuidade da redução da taxa básica de juros, iniciada em setembro de 2005 e mantida ao longo de 2006, com redução de 4,75 pontos percentuais, e pelo controle da inflação, contribuiu para estimular o setor, ao garantir uma melhor previsibilidade na economia, tornando mais factíveis os negócios deste segmento, geralmente feitos considerando prazos de maturação mais longos. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA, utilizado como referência para o regime de metas de inflação, variou 3,14%, em 2006, contra 5,69% do ano imediatamente anterior, ficando abaixo da meta de 4,5%.

A grande empresa de construção e sua importância no setor

Definiu-se como grande empresa as unidades de produção cujo total de pessoal ocupado é igual ou maior a 250 pessoas⁹. A análise, a seguir, está centrada na importância destas empresas no segmento da construção, nos anos 1996, 2000 e 2006. Para tornar possível a comparação temporal, foi considerado em cada ano apenas o conjunto de empresas que empregavam 40 ou mais pessoas¹⁰.

Verifica-se, pela Tabela 2, que em todos os indicadores selecionados as grandes empresas apresentam elevada participação no setor da construção. Nos anos em análise, mesmo representando uma média de participação de 18,3% do total de empresas do setor, as grandes são responsáveis por mais da metade de toda a construção exe-

⁷Série do Produto Interno Bruto - PIB Trimestral, calculado pelo IBGE.

⁸Segundo o Banco Central, o financiamento habitacional cresceu 85,5% em 2006, ante 2005.

⁹ Critério com base na Recomendação 2003/361/CE, de 20.05.2003, da Comissão das Comunidades Europeias, pela qual, para fins legais, toda empresa com 250 ou mais empregados é considerada grande (COMISSÃO..., 2003)..

¹⁰Até 2001, o âmbito da PAIC era constituído pelas empresas de 40 ou mais pessoas ocupadas. Em 2005, passou a ser constituído pelas empresas de uma ou mais pessoas ocupadas. Em 2006, o conjunto de empresas com 40 ou mais empregados foi responsável por 64,6% do valor das obras executadas.

Tabela 2 - Participação das grandes empresas no total da indústria da construção e índice de produtividade, segundo as faixas de pessoal ocupado - Brasil - 1996/2006

Faixas de pessoal ocupado	Participação das grandes empresas no total da indústria da construção (%)						Índice de produtividade frente à média do setor (1)
	Número de empresas	Pessoal ocupado	Salários	Valor das construções executadas	Construções para entidades públicas	Valor adicionado	
1996							
250 ou mais	21,7	65,0	70,7	71,1	76,0	70,0	7,7
Entre 250 e 999	18,6	35,8	32,9	33,9	33,7	32,7	(-) 8,6
Acima de 1 000	3,0	29,2	37,8	37,2	42,3	37,3	27,8
2000							
250 ou mais	16,6	59,6	65,3	62,6	69,3	60,2	0,9
Entre 250 e 999	14,0	29,4	26,2	26,8	26,6	27,2	(-) 7,6
Acima de 1 000	2,7	30,2	39,1	35,8	42,8	33,0	9,1
2006							
250 ou mais	16,5	59,9	67,5	64,0	68,3	63,5	6,0
Entre 250 e 999	14,2	32,4	29,7	32,0	32,5	31,3	(-) 3,6
Acima de 1 000	2,2	27,5	37,8	32,0	35,8	32,2	17,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção, 1996/2006.

(1) Valor adicionado/pessoal ocupado dos estratos definidos, dividido pelo valor adicionado/pessoal ocupado do total de empresas de construção.

cutada, chegando aos 71,1% e 64,0% em 1996 e 2006, respectivamente. No período analisado, as grandes empresas ocuparam mais da metade do pessoal e responderam por uma média de 67,8% de todo o gasto em salários da indústria da construção.

Entre as grandes empresas, as que empregam 1 000 ou mais pessoas representavam apenas 3,0% do total pesquisado pela PAIC em 1996, mas foram responsáveis por 37,2% do total das construções executadas e 37,8% dos salários pagos. Em termos de construções para entidades públicas estas empresas responderam por 42,3%. À exceção das variáveis número de empresas e pessoal ocupado, as demais deste conjunto de empresas superaram os resultados alcançados pelo grupo de empresas com pessoal ocupado entre 250 e 999 pessoas. No que tange à produtividade, as empresas com 1 000 ou mais pessoas ocupadas registraram um valor 27,8% superior ao resultado alcançado pelo setor, enquanto o grupo de empresas com o pessoal ocupado entre 250 e 999 pessoas ficou abaixo em 8,6%. Já no conjunto das pequenas empresas, que têm pessoal ocupado entre 40 e 249 pessoas, a produtividade ficou 14,4% abaixo da média do setor. Dessa forma, observa-se um aumento gradativo da produtividade à medida que aumenta o porte de empresa; uma possível explicação para esta relação entre produtividade e tamanho de empresa é que as grandes, que têm um volume de capital mais elevado, desenvolvem estruturas administrativas mais eficientes; têm mais facilidades de obter financiamentos e maior possibilidade de acesso a recursos provenientes dos investidores de bolsa de valores; além de maior capacidade de inovar em seus processos produtivos; etc.

As variáveis valor das construções executadas e valor adicionado revelam que ocorreram mudanças, em 2000 e 1996, na importância das maiores empresas (aquelas com mais de 1 000 pessoas ocupadas), que recuaram em 1,4 ponto percentual e 4,3 pontos percentuais, respectivamente. Ainda na mesma comparação, o grupo das empresas com pessoal ocupado entre 250 a 999 pessoas apresentou reduções mais

significativas em todas as variáveis consideradas, com destaque para as construções executadas e para as construções para entidades públicas, ambas com perda de 7,1 pontos percentuais. Com isto, a totalidade das grandes empresas apresentou recuo generalizado nas variáveis analisadas, aumentando a participação das empresas de menor porte na atividade de construção.

O confronto das estruturas de 2006 e 2000, segundo o porte das empresas, revela um outro quadro: a ampliação da importância do conjunto das grandes empresas no valor das construções executadas e no valor adicionado em 1,4 ponto percentual e 3,3 pontos percentuais, respectivamente, com sua produtividade avançando 5,1 pontos percentuais. Mesmo mantendo estável sua participação do pessoal ocupado, as grandes empresas pagaram mais salários, com aumento de 2,2 pontos percentuais. Em contraste, sua participação no valor das construções para entidades públicas recuou 1,0 ponto percentual.

Ainda no confronto entre 2006 e 2000, os dois estratos definidos para a grande empresa apresentam movimentos diferenciados. As grandes empresas com pessoal ocupado inferior a 1 000 pessoas assinalaram aumento de participação em todas as variáveis, com destaque para o valor das construções executadas e para o valor das construções para entidades públicas, que registraram aumento de participação de 5,2 pontos percentuais e 5,9 pontos percentuais, respectivamente. O valor adicionado neste grupo de empresas elevou-se 4,1 pontos percentuais, com um aumento de 3,0 pontos percentuais no pessoal ocupado, indicando uma elevação na produtividade. Já o conjunto das empresas maiores (com mais de 1 000 pessoas ocupadas) perde participação, em quase todas as variáveis. Em 2006, responderam, respectivamente, por 32,0% e 35,8% do total das construções executadas e das construções para entidades públicas, ante as participações de 35,8% e 42,8%, em 2000. O total de salários pagos por essas empresas, em 2006, correspondeu a 37,8% do total, e o número de pessoas ocupadas a 27,5%, percentuais abaixo dos observados em 2000, em 1,3 ponto percentual e 2,7 pontos percentuais, respectivamente. Mesmo perdendo espaço no conjunto das grandes empresas, as maiores ainda se mostraram mais eficientes, com produtividade 17,3% superior à média do setor, em 2006.

No intervalo de dez anos (entre 1996 e 2006), observa-se que as grandes empresas perderam espaço para as de menor porte, pois em 1996 eram responsáveis por 71,1% do valor das construções executadas, passando a responder por 64,0%, em 2006. Esse movimento pode estar relacionado ao processo "interno" de terceirização do setor, com as firmas se especializando em determinadas fases das obras e desencadeando uma contração de serviços envolvendo empresas de construção, levando a que as empresas de menor porte ganhassem participação, ainda que as grandes empresas predominem no setor em termos das principais variáveis econômicas. Também deve ser considerado como fator importante a queda do investimento público no período, cuja demanda às empresas de construção é atendida primordialmente pela grande empresa. Nesses dez anos, há uma redução na importância das obras contratadas por entidades públicas, que passam de 76,0% para 68,3%, sempre considerando o universo das empresas com 40 ou mais pessoas ocupadas. Nesse aspecto, vale mencionar que, na passagem de 2005 para 2006, conforme analisado na seção seguinte, os produtos que se destacaram no setor foram as obras de infra-estrutura, o que explica a ampliação da importância das grandes empresas nesses dois últimos anos.

No que tange à regionalização das informações da PAIC (Tabela 3)¹¹, verificam-se alterações na estrutura de pessoal ocupado e de valor das construções do setor, entre 1996 e 2006. Tanto para o conjunto de empresas com 40 ou mais empregados, quanto para as grandes empresas, há movimentos regionais semelhantes.

Em dez anos, a Região Norte amplia sua participação no pessoal ocupado e no valor das construções, inclusive no âmbito das grandes empresas, que detinham 3,6% do total de pessoas ocupadas em 1996, proporção que saltou para 6,8%, em 2006. Em termos de valor das construções, esses percentuais foram de, respectivamente, 3,2% e 7,3%, com destaque para os ganhos de participação dos Estados do Amazonas e Pará.

Outra região que ganha espaço no setor é o Nordeste, que ocupava 17,4% das pessoas nas grandes empresas em 1996, passando aos 19,0%, em 2006. O valor das construções, nos dois anos mencionados, é de 12,7% e 14,7%, respectivamente. A Bahia é o grande destaque da região, respondendo por 3,7% do valor das construções executadas pelas grandes empresas em 1996 e por 6,4% em 2006.

Na Região Sul, as alterações estruturais são bem mais discretas. Para o total das empresas com 40 ou mais pessoas ocupadas, esta região mantém suas posições nos anos em análise. Em termos do valor das construções, a Região Sul mostra aumento de participação em 1,0 ponto percentual para o total das empresas e declina entre as grandes. Na Região Centro-Oeste, observa-se ganho de importância, tanto nas empresas com 40 ou mais pessoas ocupadas, como nas grandes empresas. A participação no valor das construções do primeiro grupo de empresas passa de 6,8%, em 1996, para 9,4% em 2006; já no grupo das grandes empresas as taxas são de 6,8% e 8,4% nos dois anos mencionados.

Apesar de perder participação, o Sudeste ainda é responsável por mais da metade do pessoal ocupado e do valor das construções executadas, realizadas pelo conjunto das empresas com 40 ou mais pessoas ocupadas. Em 1996, esta região detinha 59,5% das pessoas ocupadas das empresas de construção, tendo recuado aos 54,0% em 2006. No valor das construções, o Sudeste respondeu por 66,2% do valor total em 1996 e por 56,3% em 2006. No universo das grandes, esta região tinha uma participação de 63,1% das pessoas ocupadas, passando para 57,6%, em 2006. Já nas construções executadas, as grandes empresas do Sudeste responderam por 66,7% em 1996 e por 59,3% em 2006. Tal como ocorre na regionalização de outros segmentos econômicos, o Sudeste prossegue como a área de maior importância econômica no País, mas com participação declinante.

Em suma, esse redirecionamento das atividades das empresas de construção, atuando menos na Região Sudeste e com aumento nas outras regiões, pode ser explicado por um conjunto de fatores, tais como: expansão da fronteira agrícola nas Regiões Centro-Oeste e Norte, com o conseqüente aumento de atividades agroindustriais e do fluxo migratório de trabalhadores; a instalação de novas indústrias e redes varejistas na Região Nordeste, em função de menores custos, principalmente de mão-de-obra, mas também por conta de incentivos fiscais concedidos por governos estaduais. Os Estados do Ceará e Bahia foram os mais impactados por esses fatores.

¹¹ Vale ressaltar que a unidade de investigação da PAIC é a empresa. As informações regionalizadas são provenientes da atuação das empresas nas Unidades da Federação.

Tabela 3 - Participação do pessoal ocupado e do valor das construções executadas, no total das empresas e nas grandes empresas, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 1996/2006

Grandes Regiões e Unidades da Federação	Participação (%)							
	Pessoal ocupado				Valor das construções executadas			
	Total das empresas (1)		Grandes empresas (2)		Total das empresas		Grandes empresas	
	1996	2006	1996	2006	1996	2006	1996	2006
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Norte	4,4	6,7	3,6	6,8	3,2	7,5	3,2	7,3
Rondônia	0,4	0,3	0,2	0,2	0,1	0,3	0,1	0,2
Acre	0,1	0,3	0,1	0,3	0,2	0,3	0,2	0,2
Amazonas	0,6	1,3	0,5	1,1	0,6	1,5	0,4	1,0
Roraima	0,2	0,1	0,3	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1
Pará	1,9	3,5	1,7	3,8	1,2	3,3	1,4	3,9
Amapá	0,1	0,2	0,0	0,2	0,0	0,2	0,0	0,2
Tocantins	1,1	1,0	0,7	1,2	0,8	1,7	0,9	1,8
Nordeste	17,5	19,5	17,4	19,0	12,9	15,1	12,7	14,7
Maranhão	0,9	1,5	1,0	1,6	0,7	1,2	0,8	1,3
Piauí	1,4	0,9	1,1	0,9	0,4	0,5	0,4	0,6
Ceará	3,7	2,2	4,2	2,0	2,2	1,8	2,3	1,7
Rio Grande do Norte	0,9	1,4	1,0	1,0	0,9	1,0	1,0	0,8
Paraíba	0,6	0,7	0,4	0,3	0,5	0,4	0,4	0,2
Pernambuco	3,5	3,1	2,8	2,6	2,7	2,3	2,5	2,0
Alagoas	1,0	0,9	1,0	0,5	0,7	0,8	0,7	0,5
Sergipe	1,7	1,7	1,9	1,9	0,8	1,1	1,0	1,2
Bahia	3,9	7,0	4,0	8,0	4,0	5,8	3,7	6,4
Sudeste	59,5	54,0	63,1	57,6	66,2	56,3	66,7	59,3
Minas Gerais	12,8	13,2	13,5	13,5	9,4	10,6	8,8	10,6
Espírito Santo	2,2	4,3	2,4	5,3	2,1	4,0	2,2	4,9
Rio de Janeiro	14,0	10,0	16,1	10,9	14,8	10,8	17,0	11,2
São Paulo	30,5	26,5	31,1	27,9	39,9	30,9	38,6	32,6
Sul	10,5	11,4	8,5	8,7	10,8	11,8	10,6	10,3
Paraná	4,7	3,6	4,0	2,5	5,8	4,1	6,3	3,0
Santa Catarina	2,3	3,0	1,4	2,0	1,8	3,0	1,5	2,5
Rio Grande do Sul	3,5	4,7	3,1	4,1	3,2	4,7	2,8	4,8
Centro-Oeste	8,1	8,5	7,5	7,9	6,8	9,4	6,8	8,4
Mato Grosso do Sul	1,4	1,1	0,6	1,0	0,6	1,0	0,6	0,9
Mato Grosso	0,6	1,5	0,7	1,6	0,9	1,1	0,8	0,9
Goias	3,4	2,8	3,8	2,0	3,3	3,3	3,5	2,6
Distrito Federal	2,7	3,1	2,5	3,2	2,0	4,0	1,8	3,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção, 1996/2006.

(1) Conjunto de empresas com 40 ou mais pessoas ocupadas. (2) Empresas com pessoal ocupado superior a 249 pessoas.

Obras e serviços da construção - 2006/2005

Os produtos da indústria da construção, retratados pela PAIC desde 2002, são os diversos tipos de obras e/ou serviços realizados pelas empresas de construção no ano de referência da pesquisa. Esses produtos mostram, por exemplo, o valor construído de *edificações residenciais; edificações comerciais; plantas industriais; rodovias; pontes e túneis; aeroportos; redes de distribuição de água; barragens e represas para geração de energia elétrica; instalações elétricas e de telecomunicações;* dentre outros. Nesta

análise¹², os 54 produtos foram agregados em quatro grandes grupos: **obras residenciais; edificações industriais, comerciais e outras edificações não-residenciais; obras de infraestrutura; e outras obras**. Foi analisado também o desempenho das grandes empresas, aquelas com 250 ou mais pessoas ocupadas, cujos resultados foram estratificados em duas classes: de 250 a 999 pessoas e de 1 000 pessoas ocupadas em diante.

Em 2006, o valor nominal das obras e/ou serviços executados pelas empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas superou em 18,5% o de 2005. Em termos reais, descontados os efeitos inflacionários¹³, houve crescimento de 12,3%. As grandes empresas apresentaram aumento de 24,7%, sendo que o subgrupo com 250 a 999 pessoas ocupadas avançou 20,2%, e o de 1 000 ou mais pessoas ocupadas cresceu 30,1%. É interessante observar que, dentre as grandes, as empresas de maior porte, por possuírem maior escala e processos produtivos mais eficientes, estimuladas pelos fatores já citados na primeira parte da análise, responderam de forma mais rápida à expansão do setor de construção, em 2006.

Outro fator que pode estar relacionado ao crescimento em ritmo mais acelerado das grandes empresas de construção é a oferta pública de ações na Bolsa de Valores de São Paulo¹⁴. Com a abertura de capital, estas firmas passaram a ter acesso a uma fonte substancial de recursos de longo prazo, em grande parte provenientes do exterior, e a uma alternativa ao crédito bancário. A captação de recursos no mercado de capitais proporcionou às construtoras recursos para investirem em novos empreendimentos e também na aquisição de outras empresas, localizadas em outros estados ou especializadas em nichos de mercado como o “segmento de baixa renda” constituído por imóveis de R\$ 40 mil a R\$ 100 mil, e o “segmento econômico”, constituído pelas unidades de R\$ 100 mil a R\$ 200 mil, (DIAS, 2008). Desse modo, a abertura de capital tende a gerar empresas maiores e mais concentração no mercado de construção, seja pelo crescimento devido a novos investimentos seja pela compra de firmas menores.

Tabela 4 - Valor das obras e/ou serviços da construção das empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas, segundo os grupos de produtos e/ou serviços da construção - Brasil - 2005-2006

Grupos de produtos e/ou serviços da construção (1)	Empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas			
	Valor (1 000 R\$)		2006/2005 (%)	
	2005	2006	Varição	Composição
Total	84 975 788	100 690 195	18,5	18,5
Obras residenciais	17 546 309	19 199 998	9,4	1,9
Edificações industriais, comerciais e outras edificações não-residenciais	18 330 829	22 034 345	20,2	4,4
Obras de infra-estrutura	30 620 050	36 906 518	20,5	7,4
Outras obras	18 478 601	22 549 334	22,0	4,8

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção 2005-2006.

(1) Obras novas, reformas e manutenção.

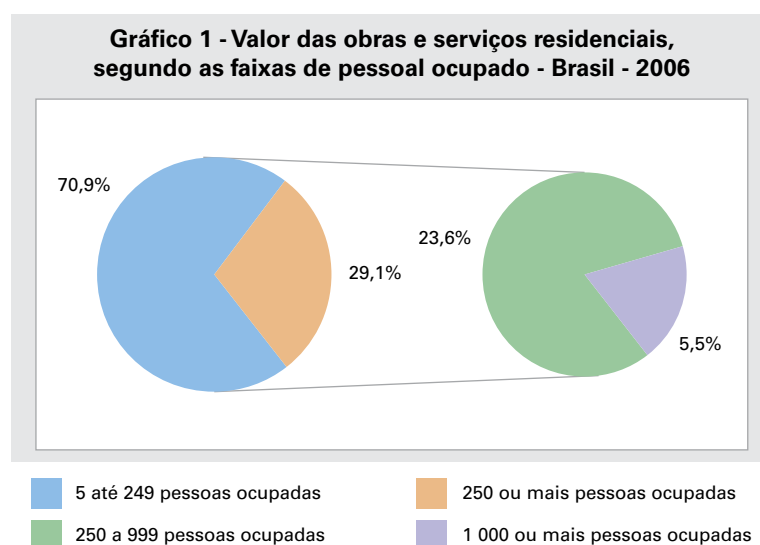
¹² Consideraram-se somente as informações das empresas com 5 ou mais pessoas ocupadas, pois o estrato com empresas com até 4 pessoas ocupadas não foi desenhado para gerar resultados para o âmbito de obras e serviços da construção.

¹³ Conforme deflacionamento pelo índice do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI), calculado pelo IBGE, cujo acréscimo foi de 5,47% em 2006.

¹⁴ Em 2006, as empresas do setor da construção que abriram seu capital na Bolsa de Valores de São Paulo captaram mais de R\$ 3,5 bilhões. SECOVI-PR.

O valor das **obras residenciais** cresceu 9,4% em termos nominais¹⁵, sendo que *Edificações Residenciais*, produto de maior peso na construção, com incremento de 12,1%, teve participação relevante no crescimento do setor da construção, em 2006. Para este resultado contribuíram a expansão do crédito imobiliário e uma conjuntura econômica que incentivou tanto a construção de novas residências como também as obras de reforma e manutenção. Algumas mudanças no marco regulatório do crédito imobiliário, introduzidas com o regime especial tributário do patrimônio de afetação¹⁶, com a lei do incontestivo¹⁷ e com a alienação fiduciária¹⁸, deram aos investidores e compradores maior segurança jurídica nos empreendimentos e financiamentos imobiliários, o que incentivou a concessão e a tomada de crédito. Conforme estatísticas do Banco Central, foram liberados com recursos da caderneta de poupança, em 2006, R\$ 9,2 bilhões no financiamento de 111 296 unidades, sendo 47,3% deste montante destinados à construção e 52,7% à aquisição de moradias já construídas. O valor médio financiado por unidade foi de R\$ 82 454, um acréscimo de 8,3% em relação ao valor médio de 2005 (R\$ 76 130). O montante emprestado foi 85,5% superior ao de 2005 e o número de unidades financiadas, 71,3% maior. Além dos recursos oriundos da poupança, foram liberados com recursos do FGTS mais de R\$ 6 bilhões para crédito imobiliário, boa parte destinada à população de baixa renda e com taxas inferiores às praticadas no Sistema Financeiro da Habitação - SFH.

Quanto ao porte das empresas que realizaram obras residenciais, vale citar que as com 250 ou mais pessoas ocupadas representavam, em 2006, 29,1% do valor das construções, sendo que o subgrupo com 250 a 999 pessoas correspondia a 23,6% e



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção 2006.

¹⁵ Optou-se por analisar a evolução do valor dos produtos da construção em termos nominais, pois o Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI, calculado pelo IBGE, não é detalhado por tipos de obras e/ou serviços.

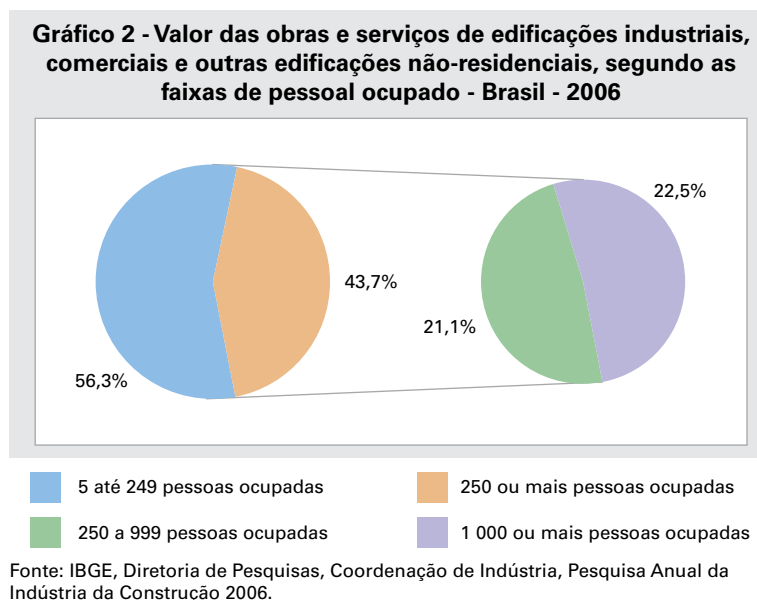
¹⁶ A Lei nº 10.931, de 2 de agosto de 2004, Capítulo I, estabelece que as construtoras tenham contabilidade específica para cada empreendimento imobiliário. Com isso, em caso de falência da construtora, o terreno e as construções do empreendimento imobiliário não poderão ser utilizados para quitar dívidas da construtora.

¹⁷ A Lei nº 10.931, de 2 de agosto de 2004, Capítulo V, Art. 50, determina que o valor principal da prestação do mutuário (a parte que não corresponde a juros ou correção) seja pago, mesmo quando o mutuário entra na justiça questionando os valores do financiamento.

¹⁸ A Lei nº 9.514, de 20 de novembro de 1997, dispõe que a alienação fiduciária permite que o credor do imóvel detenha a propriedade até a quitação da dívida pelo mutuário. Essa lei, ao agilizar a retomada do imóvel, no caso de inadimplência, trouxe mais segurança aos bancos, que passaram a emprestar mais dinheiro.

o de 1 000 ou mais pessoas ocupadas, a apenas 5,5%, o que demonstra que neste segmento da construção predominam as empresas de menor tamanho. O crescimento das grandes empresas com até 999 pessoas ocupadas, entre 2005 e 2006, foi de 8,5%, enquanto as com 1 000 ou mais avançaram 42,5%, superando o crescimento de 9,4% para todas as empresas com pelo menos 5 pessoas ocupadas.

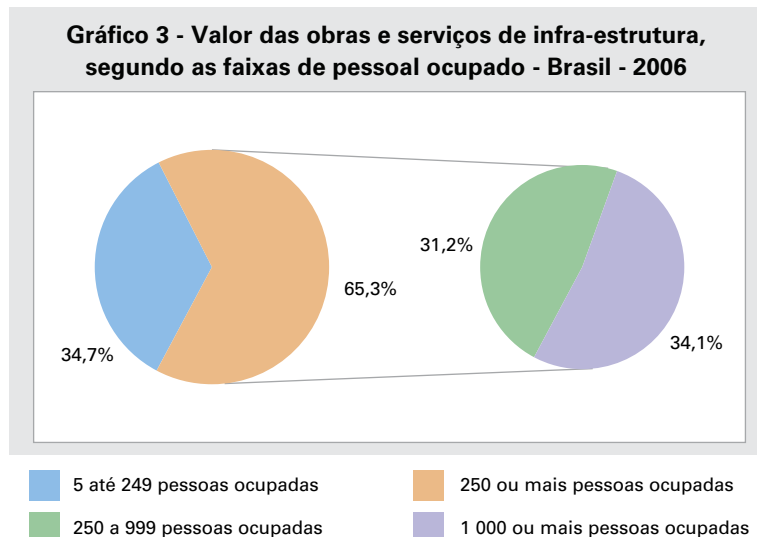
Em 2006, o grupo de **edificações industriais, comerciais e outras edificações não-residenciais** avançou 20,2%, impulsionado pelo acréscimo em obras em *escolas, hospitais, hotéis e garagens (49,9%), galpões e edifícios industriais (26,7%); montagens industriais (31,6%), plantas para mineração (101,6%) e instalações desportivas (45,8%)*. O forte crescimento neste último item tem relação com os investimentos para a realização dos Jogos Pan-Americanos ocorridos no Rio de Janeiro, em 2007. No que se refere ao perfil das empresas, as com 250 a 999 pessoas ocupadas concentravam 21,1% do valor das construções e as com 1 000 ou mais pessoas ocupadas, 22,5%, ou seja, as grandes empresas concentraram 43,7% do valor das obras neste segmento de produtos. O crescimento entre 2005 e 2006 para as duas classes das grandes empresas foi, respectivamente, de 39,6% e 4,6%.



O valor das **obras de infra-estrutura**, grupo de maior peso na construção, foi 20,5% maior no confronto com o ano anterior, aumentando sua participação relativa no total das obras e serviços prestados de 36,0% para 36,7%, o que pode estar relacionado com o crescimento de 19,3% das obras contratadas pelo setor público. Os produtos que mais contribuíram para o resultado deste grupo foram: *rodovias*, cujo valor aumentou 31,5%; *pontes e túneis (54,8%); dutos (oleodutos, gasodutos, mine-rodutos)*, com 69,7% de crescimento; *obras marítimas e fluviais (portos, marinas, barragens, diques, terminais e semelhantes)*, com acréscimo de 221,0%; e *redes de transmissão e distribuição de energia elétrica (26,1%)*.

As **obras de infra-estrutura**, que geralmente envolvem elevados investimentos, custos e prazos, são feitas predominantemente por grandes empresas. Os subgrupos das grandes empresas, com 250 a 999 pessoas ocupadas e de 1 000 ou mais pessoas

ocupadas representaram, em 2006, respectivamente, 31,2% e 34,1% do valor das construções executadas, percentagens semelhantes a 2005. Ou seja, as grandes empresas responderam por mais de 65% do valor das obras de infra-estrutura. O crescimento, em relação a 2005, foi de 16,5% para o primeiro subgrupo das grandes empresas e de 34,2% para o segundo.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Anual da Indústria da Construção 2006.

Por fim, no grupo **outras obras** o valor cresceu 22,0%. O principal impacto positivo veio de *trabalhos prévios da construção* (26,0%), que sinaliza a realização de novas obras. Vale citar, ainda, *instalações elétricas e de telecomunicações* (27,8%); e *obras de acabamento* (25,8%). Em relação ao perfil das empresas, os subgrupos de 250 a 999 e de 1 000 ou mais pessoas ocupadas concentravam, respectivamente, 22,3% e 21,3% do valor das obras e serviços. Em comparação ao ano anterior, o crescimento desses dois subgrupos foi de 25,4% e 53,5%, respectivamente.